

A cartografia como aventura?

Na década dos anos 80 do século XX, novas perspectivas cartográficas surgiram visando compreender a disciplina como uma prática social. Nos redemoinhos das “vertentes pós” (pós-modernismo, pós-estruturalismo, pós-colonialismo etc.), autores anglo-saxões como John Brian Harley, David Woodward e Denis Wood (para mencionar apenas alguns) procuraram uma aproximação com abordagens oriundas de áreas tradicionalmente não associadas com a cartografia como a antropologia, literatura, ciências sociais e as humanidades (HARLEY, 1989; 1990; HARLEY; WOODWARD, 1987; WOOD, 1978; 1992). Esse esforço tem resultado em debates enriquecedores nas últimas duas décadas, problematizando abordagens evolucionistas e tecnicistas na história da cartografia. Mais recentemente, também se iniciou uma discussão no Brasil, tendo a educação cartográfica como o seu maior foco.

É neste contexto que os artigos do presente dossiê se enquadram. Ao mesmo tempo, essa coletânea de textos também não deixa de ser um relato pessoal e uma contribuição à historiografia do pensamento cartográfico no Brasil. Em 1998, um dos autores deste editorial (Jörn Seemann) começou a refletir sobre as relações entre mapas e cultura. Insatisfeito com o ensino das disciplinas cartográficas nas universidades, ele buscou inspirações na literatura anglo-saxônica para encontrar caminhos alternativos para trabalhar com mapas. Avidamente leu artigos e livros que discursavam sobre a história da cartografia e mapas etnográficos, criticavam a hegemonia da cartografia oficial e apresentavam teorias e práticas cartográficas “diferentes”. Por meio do contato com pesquisadores de diversas universidades brasileiras, Jörn percebeu que não estava sozinho em seus anseios cartográficos e teve a ideia de organizar um livro.

Em abril de 2003, o autor enviou uma chamada de artigos para a comunidade cartófila brasileira, pedindo contribuições para um livro cujo título seria: “A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana”. Na introdução da obra original, era explicada a razão da escolha do título, que fazia referência a duas outras coletâneas publicadas nas ciências sociais que carregavam a palavra “aventura” impressa em suas capas: “A aventura sociológica”, organizado por Edson Nunes (1978) e “A aventura antropológica”, editada por Ruth Cardoso (1986). Na abertura do seu livro, Ruth Cardoso exalta o fato de que as “aventuras” teriam aberto “caminhos para as reflexões menos convencionais” nas ciências sociais. Então, por que não embarcar em uma “aventura cartográfica”?

O uso do termo “cartografia humana” no título também não foi proposto por acaso. Inspirado pelo famoso artigo do geógrafo americano John Kirtland Wright, que em 1942 destacou o elemento “humano” na produção dos mapas (WRIGHT, 1942), o organizador do livro procurou reunir artigos que aproximassem os fazeres cartográficos das

dimensões sociais. Autores das mais diversas áreas, entre eles psicólogos, educadores e geógrafos, atenderam à chamada, discutindo uma vasta gama de aspectos sobre o tema. Foram explorados tanto aspectos empíricos, relativos a mapas medievais e ao ensino de cartografia, como debates teóricos, relacionados com a história e a natureza dos mapas.

Depois de muitas frustrações e decepções, a impressão da tiragem de 500 exemplares da coletânea finalmente saiu no fim de 2005, sendo uma contribuição pioneira no Brasil para se discutir implícita e explicitamente os aspectos culturais do “mundo misterioso que os mapas escondem”, expressão usada pelo geógrafo Antônio Carlos Castrogiovanni (1998). Passaram-se mais oito anos desde o lançamento do livro que discretamente começou a atrair uma modesta comunidade de leitores, apesar de ter tido apenas uma divulgação de boca-a-boca sem presença nas grandes livrarias do país. Em geral, a recepção do livro foi boa. Algumas revistas publicaram resenhas da obra, destacando que *A Aventura Cartográfica* “contribui diretamente para uma lacuna existente na área de Cartografia denominada de educação cartográfica” (SANTOS, 2008) e que “cumpre com primazia seu objetivo de fazer uma releitura crítica da Cartografia, com a preocupação de salientar que os mapas são possíveis construções da realidade, portanto, sujeito a subjetividades, em seu caráter técnico, social e ideológico” (VASCONCELOS, 2008).

Na edição original, as autoras do prefácio e posfácio também mostraram o seu entusiasmo com a proposta da obra. Maria Lúcia Amorim Soares, ao dialogar com o poema “Legenda com a palavra mapa” de Adélia Prado, atesta que o livro “trabalha nas bordas da ciência cartográfica produzindo um tecido de delicada trama, onde com lucidez e profundidade os fios teóricos vão se desenrolando”. Já Livia de Oliveira, destacou como a obra aborda tanto o nascimento da cartografia e suas instituições, como os mapas cognitivos que revelam a construção psicológica do espaço pelas crianças. O mapa aqui aparece como “uma linguagem gráfica, visual e universal”.

Devido ao difícil acesso ao livro, o convite da revista **Geograficidade** para republicar os artigos da coletânea em um dossiê foi muito oportuno, facilitando o acesso aos textos e reafirmando a necessidade de se “aventurar” em busca de uma cartografia mais humana. Muitos questionamentos levantados no livro seguem pertinentes para a cartografia brasileira contemporânea, ainda consideravelmente distante de diálogos sistemáticos com áreas como a psicologia e a antropologia. Por esse motivo, os textos aqui reunidos seguem atuais, mesmo que sejam datados e limitados pelo seu contexto original de publicação.

Ao serem consultados sobre a reedição, os autores da coletânea concordaram de imediato, mas ponderaram que “os textos caducam cedo”. Logo, seria inviável qualquer intenção de atualizar ou reelaborar os artigos, “tendo em vista as transformações dos debates na cartografia e dos sujeitos que os tecem”¹. Por essa razão e com poucas exceções, os

1 Observação feita na troca de e-mail com um dos autores da coletânea.

artigos permaneceram no seu estado original e sem modificações. O dossiê, cuja bibliografia se congelou no começo do novo milênio, deve também ser considerado como um documento histórico ou historiográfico sobre o pensamento cartográfico no Brasil.

Para este número especial, os editores mudaram a sequência original dos dez textos por fins didáticos, iniciando com reflexões teóricas para, em seguida, discutir aspectos educacionais e históricos. Ângela Katuta inicia essa edição especial, refletindo sobre o significado dos mapas e seus “elementos constituintes” em diferentes momentos históricos. A autora destaca as relações entre cartografia, pensamento e imaginação, caracterizando o mapa como expressão das relações dos seres humanos com o seu espaço. Nesta concepção, os mapas revelam a “geografia de cada época” e não podem ser definidos apenas pelo “rigor matemático”.

Gisele Girardi, por sua vez, ao relatar uma “aventura cartográfica” pessoal, realiza uma leitura de mapas a partir dos pensamentos do filósofo francês Roland Barthes. Uma análise dos “mitos” encontrados em cartas topográficas serve como exemplo para indicar discursos e relações de poder nas entrelinhas dos mapas.

No terceiro artigo, Jörn Seemann chama a atenção para os “enredos” existentes na cartografia. Fatos cartográficos como fusos horários ou meridianos são construções humanas e não fenômenos naturais. Neste sentido, a revelação das “histórias” destas linhas imaginárias poderia ser um recurso didático pertinente para tornar a cartografia mais interessante e cativante na sala de aula.

As representações mentais do mundo são o tema do artigo de José Queiroz Pinheiro, que investiga a influência de mapas cartográficos sobre a construção de mapas cognitivos do mundo. O autor destaca as afinidades e divergências entre esses dois tipos de representação.

Salete Kozel reflete sobre o caráter das representações cartográficas como meios de comunicação e informação e construções socioculturais. Para Salete, mapas mentais têm uma função importante nos processos de apreensão de significados e subjetividades espaciais.

Aludindo à afirmação quase clássica do filósofo e cientista polaco-americano Alfred Korzybski (1948) de que o mapa não é o território, Nestor André Kaercher e Jorge Luiz Barcellos da Silva exclamam que “o mapa do Brasil não é o Brasil”. Os dois autores deflagram os mapas oficiais como produtores de imagens territoriais e salientam a importância do ensino de geografia para desconstruir essas visões.

Clézio dos Santos visita turmas de alunos do ensino supletivo noturno na periferia de São Paulo para discutir mapas mentais locais e desenhos de paisagens. Clézio destaca o significado desses recursos para a aprendizagem de linguagens visuais no ambiente pedagógico.

Qual é o lugar da e na cartografia para crianças? Eis a pergunta posta por Werther e Selma Holzer, que utilizam um referencial fenomenológico para explorar o pensamento cartográfico dos jovens. Os autores argumentam que é preciso ouvir as vozes das crianças, observá-las e participar do seu mundo que se concentra na macro escala do espaço vivido e existencial.

No penúltimo ensaio do dossiê, Marisol Barenco de Mello investiga os textos e contextos de um mapa medieval, o Ebstorf Mappamundi, do século XIII. Ela concebe esse mapa como objeto cultural e portador da racionalidade de uma época ou uma sociedade e analisa os seus conteúdos à luz de relatos de viagens, lendas antigas e passagens da Bíblia.

Márcia Siqueira de Carvalho encerra a edição especial com uma análise de *periploi* - descrições minuciosas de viagens marítimas da Antiguidades que registravam distâncias, espaços e lugares marcantes nas costas continentais. Márcia afirma que essas escritas serviram como base para representações cartográficas sobre terras conhecidas e desconhecidas.

Na seção das experimentações, Cassio Exedito Galdino Pereira poetiza sobre os bons ventos que a cartografia traz, contrariando a ideia geral do mapa como uma imagem objetiva, neutra e sem derivas.

Como ponto final, Luiz Tiago de Paula complementa as reflexões sobre a “cartografia humana” com uma resenha do livro “Carto-crônica: uma viagem pelo mundo da cartografia”, da autoria de Jörn Seemann.

Espera-se que a publicação deste dossiê evidencie a necessidade de uma discussão mais ampla sobre as maneiras de conceber e praticar a cartografia. São muitas as formas de (re)pensar os mapas e estas têm se desdobrado em abordagens inovadoras na última década.² Mas para além de consolidar e divulgar reflexões feitas no passado, os textos reunidos e republicados nesse dossiê também apontam para o futuro, evidenciando a necessidade de elaborar chamadas para novas “aventuras cartográficas”.

Jörn Seemann

André Novaes

Editores Convidados

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ruth C. L. (Org.) **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. O misterioso mundo que os mapas escondem. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (Orgs.). **Geografia em sala de aula**: Prática e reflexões. Porto Alegre, 1998, p. 33-48.

² Veja, por exemplo, Pickles (2004); Wood (2008, 2010); Dodge, Kitchin, Perkins (2009); Harmon (2009); Oliveira Jr. (2012).

DODGE, Martin; KITCHIN, Rob; PERKINS, Chris (orgs.) Rethinking maps. New frontiers in cartographic theory. London: Routledge, 2009.

HARLEY, J. B. Deconstructing the map. **Cartographica**, v. 26, n. 2, p. 1-20, 1989.

_____. Cartography, ethics and social theory. **Cartographica**, v. 27, n. 2, p. 1-23, 1990.

_____; WOODWARD, D. (Orgs.). **The history of cartography**. Volume 1: cartography in prehistoric, ancient, and medieval Europe and the Mediterranean. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

HARMON, Katherine. The map as art. Contemporary artists explore cartography. New York: Princeton Architectural Press, 2009.

KORZYBSKI, Alfred. A non-Aristotelian system and its necessity for rigour in mathematics and physics. In: KORZYBSKI, Alfred. **Science and sanity**: An introduction to non-Aristotelian systems and general semantics. 3ª ed. Lakeville: The International Non-Aristotelian Library Publishing Company, 1948. p. 747-761.

NUNES, Edson O. (Org.) **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA Jr. Wenceslao Machado de. Mapas em deriva. Imaginação e cartografia escolar. *Geografares*, v.12, p.1-49, 2012.

PICKLES, John. A history of spaces. Cartographic reason, mapping and the geo-coded world. London: Routledge, 2004.

SANTOS, Clézio dos. Resenha de livro: A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 231-232, 2008.

VASCONCELOS, Vinícius Neves. Resenha: A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana. **GeoUERJ**, v. 1, n. 18, p. 181-185, 2008.

WOOD, Denis. Introducing the cartography of reality. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. (Orgs.). **Humanistic geography**: Prospects and problems. Chicago: Maaroufa Press, 1978, p. 207-219.

WOOD, Denis. **The power of maps**. New York: Guilford Press, 1992.

WOOD, Denis; FELS, John. The natures of maps: cartographic constructions of the natural world. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

WOOD, Denis (com John Fels e John Krygier). Rethinking the power of maps. New York: Guilford Press, 2010.

WRIGHT, John K. Map-makers are human. **Geographical Review**, v. 32, n. 4, p. 527-544, 1942.